

MUITO ALÉM DOS QUITUTES DE TIA NASTÁCIA: UM RELATO SOBRE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA

MUCH MORE THAN TIA NASTÁCIA'S DELICIOUS FOOD: A REPORT ABOUT ETHNIC-RACIAL ISSUES AT SCHOOL

Fernando Teixeira Luiz¹

João Pedro Mosqueira de Campos²

Isabela de Mello³

Gabriel Felipe Cesário Miranda⁴

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP, Brasil

DOI - 10.5281/zenodo.16956078

RESUMO

A presente proposta, que integra um projeto de extensão desenvolvido com crianças do Ensino Fundamental I, adolescentes do Ensino Fundamental II e jovens do Ensino Médio, entre os anos de 2024 e 2025, no município de Assis (SP), pretendia potencializar o debate sobre as questões étnico-raciais na obra de Monteiro Lobato. Os encontros quinzenais foram organizados e mediados pelos estudantes universitários dos cursos de Letras e História, que construíram oficinas de leitura a partir de uma sequência didática aplicada à ficção lobatiana, com destaque para a coletânea *Histórias de Tia Nastácia*. A mencionada sequência didática, com base nos estudos de Rildo Cosson (2006), abarcava as seguintes etapas: 1-“Conversa inicial: por que falar sobre racismo?”; 2-“Quem foi Monteiro Lobato?”; 3-“Leitura dramática da obra”; 4-“Bate-papo sobre o texto”; 5-“Mediação dos acadêmicos, aplicando as estratégias de leitura”; 6-“Conclusão: o que aprendemos hoje?”. Em linhas gerais, o objetivo foi promover a interação entre os alunos e destacar a importância de falar sobre discriminação, oportunizando, assim, o letramento racial a partir da organização de propostas metodológicas de leitura com textos que investem em personagens negras. Nesse sentido, para o presente relato de experiência, será feito um recorte em torno das atividades aplicadas, problematizando, desse modo, as inquietações, surpresas e contribuições que merecem ser sublinhadas na experiência entre os acadêmicos e as unidades de ensino.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Monteiro Lobato.

-
- 1 Docente do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis. Doutor em Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1175-4284> E-mail: f.luiz@unesp.br
 - 2 Discente do curso de Letras da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis.
 - 3 Discente do curso de Letras da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis.
 - 4 Discente do curso de História da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis.

ABSTRACT

This proposal, which is part of an extension project developed with childrens and teenagers from Elementary School and also High School between 2024 and 2025, in the city of Assis (SP), aimed to enhance the debate on ethnic-racial issues in Monteiro Lobato's books. The biweekly meetings were organized and mediated by university students from the Literature and History courses, who created reading workshops based on didactic sequences applied to Lobato's fiction, with emphasis on the collection *Histórias de Tia Nastácia*. The aforementioned didactic sequence, based on studies by Rildo Cosson (2006), covered the following stages: they will follow the following didactic sequence: 1- "Initial conversation: why talk about racism?"; 2- "Who was Monteiro Lobato?"; 3- "Dramatic reading of the work"; 4- "Chat about the text"; 5- "Mediation of academics, applying reading strategies"; 6- "Conclusion: what did we learn today? In general terms, the objective was to promote interaction among students and highlight the importance of talking about discrimination, thus providing opportunities for racial literacy based on the organization of methodological reading proposals with texts that invest in black skin characters. In that sense, for this experience report, a focus will be made on the applied activities, thus problematizing the concerns, surprises and contributions that deserve to be highlighted in the experience between academics and the schools.

Keywords: Literature; Reading; Monteiro Lobato..

1. EM QUE CONSISTE A PRÁTICA A SER RELATADA

A ação em tela propõe atender à demanda de estudantes universitários, na área de licenciatura, com a iniciativa de estreitar as relações entre o acadêmico e a comunidade local. Justifica-se, ainda, a presente proposta frente à necessidade de oportunizar ao aluno, futuro professor, momentos significativos envolvendo a prática e a mediação de leitura em contextos escolares. Nessa linha, o projeto tornou-se relevante por proporcionar à sociedade – e em especial a crianças, adolescentes e jovens da Educação Básica – acesso a um conjunto de temáticas e conteúdos nem sempre abordados pela escola. No caso, esta iniciativa foi marcada pela meta de conduzir ao público infantil e juvenil, atendido em escolas públicas estaduais ou municipais, a obra de um dos autores mais polêmicos da literatura brasileira – José Bento Monteiro Lobato (1882 – 1948) – e as personagens negras que povoam seu universo ficcional.

2. CONTEXTO EM QUE OCORRE A AÇÃO

Índices expressivos atestam que, em 2019, a população negra representava mais de 70% da taxa de homicídios no Brasil. É o que anunciou, recentemente, o portal *Atlas da violência*⁵ (2021):

No último ano, a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 66,0% do total de mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 4,1, em comparação a taxa de 2,5 para mulheres não negras (p. 49).

Teles (2018), em sintonia com estes dados, explica que, no país, mais de 60 mil pessoas são vítimas de homicídio a cada ano. Os grandes alvos da violência urbana contemplam jovens negros e pobres das periferias. “Um jovem negro tem 14% mais de chances de sofrer homicídio que um branco. O país, supostamente cordial e democrático, tem três mulheres assassinadas por dia. Na maioria, mulheres negras” (Telles, 2018, p. 66). Ainda nessa linha, é possível observar que o genocídio em questão constitui a marca de uma sociedade em que as desigualdades sociais assumem proporções assustadoras.

Se somarmos o fato de que os próximos anos serão de graves dificuldades no acesso aos direitos trabalhistas, com Previdência Social cada vez menos eficaz e um mundo do trabalho escasso e precarizado, a violência tende a piorar. O círculo vicioso – habitação, escola, saúde, trabalho – produz um racismo (e sexismo) naturalizado e estabelecido como normal nas práticas sociais. Assim, a forma violenta de sociedade configura-se no senso comum como normalidade (Telles, 2018, p. 67).

Os diversos espaços formativos – como a escola, os projetos sociais, lares e organizações não governamentais – tornam-se, por conseguinte, palcos e tribunas para o efetivo debate em torno das relações étnico-raciais. Nessa linha, a Lei 10.639/03 altera a Lei 9.394/96, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, instituindo a presença da História da África e da Cultura Afro-Brasileira no currículo da Educação Básica, considerando o silenciamento da população negra na historiografia oficial nacional. Munanga (2005), nessa linha, salienta a pertinência da cultura africana para a construção da identidade nacional e conscientização do brasileiro. Muitas vezes, o imaginário popular explora a figura do negro a partir de estereótipos que o representam em condição subalterna. O homem branco, em contrapartida, assume a posição de superioridade, ganhando destaque por apresentar aspectos como inteligência, beleza, poder e dominação. Cria-se, então, uma hegemonia baseada em uma concepção histórica e social que elege a Europa como referência e legitima o controle de um grupo sobre o outro. Ruiz (2018), dialogando com esse quadro, acrescenta que inserir a questão étnico-racial nos currículos significa reconhecer a discriminação que sofreu a população negra desde o período colonial.

Essas relações de poder não permaneceram apenas no campo cultural, mas, sobretudo, na educação formal, que não considerava outra manifestação que não fosse ditada pela cultura hegemônica, identificando, assim, qualquer outra manifestação como marginal ou periférica (Ruiz, 2018, p.24).

A literatura, assim, pode ser considerada um profícuo campo interdisciplinar e transversal para o debate em torno de tal temática em sala de aula. Essa constatação

5 <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>

foi o que, inclusive, motivou a reflexão acerca de práticas antirracistas no espaço escolar e contribuiu, de forma efetiva, para a projeção de um projeto de extensão que daria origem, mais tarde, ao presente relato de experiência.

3. PARTICIPANTES/INTEGRANTES DA AÇÃO RELATADA

Primeiramente, houve contato com escolas de Assis (SP) e região (Lutécia, Cândido Mota, Tarumã, Platina, Echaporã, Paraguaçu Paulista e Maracaí), verificando quais poderiam manifestar interesse em participar do presente projeto. A esse respeito, optamos, em 2024, pela Escola Estadual Prof. Lourdes Pereira – Programa de Ensino Integral, localizada na rua Montes Claros, 525, Vila Fiúza, no município de Assis (SP). A escola possui o espaço Clube Juvenil, aberto a cursos, oficinas, dinâmicas e outras propostas direcionadas ao público adolescente. Foi a criação desse espaço, e o consequente engajamento dos alunos, que nos motivou a escolher a mencionada instituição de ensino.

Em 2025, verificando a possibilidade de estendermos a proposta, passamos também a aplicar o projeto na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Nísia Mercadante do Canto Andrade, também em Assis, situada no seguinte endereço: Rua Atanásio Medeiros, Vila Maria Isabel. Contamos, também, com a Escola Estadual Leny de Barros, instalada na rua Olympio de Mello, 900 – Parque das Acácias, igualmente Assis. Para o desenvolvimento das atividades do projeto, recorremos aos integrantes do Grupo de Estudo e Pesquisa Palavra e Imagem na Escola (GEPPINE). O grupo, coordenado pelo professor Fernando Teixeira Luiz, do Departamento de Educação da UNESP, é composto por alunos dos cursos de Letras, História e Psicologia. No caso, recrutamos, para o primeiro ano do projeto (2024), o discente João Pedro Mosqueira de Campos, do curso de Letras. Para o segundo ano, convidamos a aluna Isabela de Mello, do curso de Letras, e o aluno Gabriel Cesário Miranda, do curso de História, com o propósito de que conduzissem as atividades.

4. METODOLOGIA

A metodologia contempla algumas etapas voltadas à formação do estudante universitário, acentuando as conexões entre a literatura juvenil de Monteiro Lobato e os diferentes discursos que reiteram ou combatem o preconceito. Discursos estes que, muitas vezes, são reproduzidos pelo próprio adolescente (pardo ou negro) ou o tornam alvo de situações de discriminação. Para a construção de uma proposta metodológica, tomaremos como suporte as estratégias de leitura fundamentadas em Cosson (2006), Koch (2010), Girotto e Souza (2010): *ativação do conhecimento prévio, conexão, inferência, questionamento, sumarização e síntese*. Entre as etapas, cumpre assinalar: a) Fundamentação teórica; b) Seleção de dois livros, da série *O Sítio do Picapau Amarelo*, a serem adotados em sala de aula; c) Definição dos capítulos a serem lidos com os alunos; d) Estudo do material e preparação dos estudantes universitários; e) Organização de propostas metodológicas a partir de estratégias de leitura; f) Aplicação; g)

Avaliação e relato da experiência vivenciada. Considerando o exposto painel, o que será apresentado, na próxima unidade, contempla, em linhas gerais, algumas reflexões a partir do contato com a realidade escolar e com públicos bastante heterogêneos.

5. RESULTADOS ALCANÇADOS

O plano de aula, organizado pelos alunos bolsistas, seguia um roteiro bastante preciso: primeiro, as atividades lúdicas de leitura e interpretação com o propósito de aproximá-los das turmas, bem como diagnosticar o nível de letramento dos estudantes atendidos na Educação Básica. Em seguida, viriam as discussões em torno de temáticas sensíveis como o “preconceito” e a “discriminação”, acompanhadas por informações acerca da construção do racismo ao longo da história do Brasil e, por conseguinte, os ciclos de debates sobre a manifestação do preconceito racial na contemporaneidade. Por fim, debruçar-nos-íamos sobre Monteiro Lobato, sua vida e a ficção destinada a leitores em formação. Apesar da existência de alguns contratempos durante as aulas nos clubes de leitura (como o cancelamento de determinados encontros em razão de alguns feriados), convém ressaltar que as respostas dos alunos, potencializadas pela discussão dos textos literários a partir das sequências didáticas de leitura, foram bem-sucedidas. Dada a impossibilidade de cotejarmos todos os encontros dos anos de 2024 e 2025, selecionamos, para o presente relato, apenas um momento com o propósito de problematizar as aulas que ministramos no Clube Juvenil. Assim, no décimo encontro de 2024, exploramos, com maior intensidade, a literatura de Monteiro Lobato com a uma turma de Ensino Médio. Iniciamos a aula com a apresentação do autor: infância e juventude, a perda dos pais, a relação com o avô, a faculdade de Direito, o casamento e os quatro filhos, a primeira publicação infantil, lançada com o dinheiro herdado do Visconde de Tremembé e que culminou, posteriormente, com a criação do **Sítio do Pica Pau Amarelo**.

O material de apoio utilizado foi uma apresentação de *slides*, montada a partir dos estudos da fortuna crítica lobatiana (Cavalheiro (1955), Vasconcelos (1982), Zilberman (1983), Sandroni (1987), Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997), Gouvea e Lopes (1999), Souza (2008) e Lajolo e Ceccantini (2008)). Como objetivo para este encontro, além de apresentar o artista de quem seria lida a obra, almejávamos, igualmente, expandir o conhecimento dos alunos a respeito de Lobato, visto que, apesar de ser popularmente referenciado pela saga do Pica-pau Amarelo, o conhecimento dessa ordem muitas vezes se encerra por aí, não englobando quaisquer referências sobre sua trajetória enquanto leitor, os ideais que defendia ou, principalmente, porque escrevia para crianças.

Fizemos questão, portanto, de expor, durante a apresentação, fatos geralmente desconhecidos: em primeiro lugar, a linhagem sanguínea de Lobato, que era neto do Visconde de Tremembé, e de quem herdou propriedade e fortuna. Veio, depois, a menção ao porquê Lobato escrever literatura infantil, preocupado com a educação de seus filhos, visto que era leitor assíduo e temia os impactos da falta de livros para crianças e jovens no país. Escreveu, então, “A Menina do Narizinho Arrebitado”, em 1920, que caiu nas graças das crianças da época e culminou, gradativamente, com a criação do universo do Sítio do Pica-pau Amarelo. No entanto, Lobato, já, há muito tempo, produzia crítica de arte, aspecto pelo qual ele era bastante conhecido na época. Outro escrito

de Lobato pouco conhecido, ao qual os alunos foram expostos, foi a carta a Arthur Neiva, em que afirma ser o Brasil um “país de mestiços, onde branco não tem força para organizar um Kux-Klan⁶” (Carta de Lobato a Arthur Neiva, 04/1928). Obviamente, os alunos estranharam muito tal trecho, afinal como poderia um dos maiores escritores brasileiros, certamente o maior em termos de literatura infantil, dizer algo tão chocante?

Encerrada a apresentação inicial, mergulhamos no texto “João e Maria”, extraído diretamente do livro **Histórias de Tia Nastácia**. Para tanto, adotamos a seguinte sequência didática: 1- “Conversa inicial: por que falar sobre racismo?”; 2- “Quem foi Monteiro Lobato?”; 3- “Leitura dramática da obra”; 4- “Bate-papo sobre o texto”; 5- “Mediação dos acadêmicos, aplicando as estratégias de leitura”; 6- “Conclusão: o que aprendemos hoje?” A narrativa “João e Maria” compreende uma releitura, pelas mãos de Lobato, do clássico conto de fadas europeu, que recebe, nesta versão, elementos culturais brasileiros, como a aparição de Nossa Senhora, que orienta as crianças acerca das estratégias para derrotar uma das principais antagonistas da história: a velha feiticeira que habitava um casebre distante, no meio da floresta. Não foi possível realizar a leitura dramática, visto que o conto é inteiramente narrado por Tia Nastácia, sem a interferência de personagens que poderiam ser destacadas por meio do discurso direto, ou seja, da transcrição direta de suas falas.

Optamos, então, por um rodízio de leitura, no qual cada aluno deveria “declamar” um parágrafo por vez, seguindo uma sequência em sentido horário. Terminada a leitura, os minutos finais do encontro foram ocupados pela dissecação e reflexão do texto lido a partir de estratégias como inferência, conexão e questionamento. O primeiro aspecto a ser assinalado pelos adolescentes foi a inserção, gradual e crescente, de elementos alheios ao conto de fadas original, tais como a Santa mencionada, a ponto de que o epílogo do conto em nada remetesse ao texto-base. Depois, ressaltamos os elementos mitológicos enxertados na história, sobretudo a princesa acorrentada que serviria de sacrifício a um monstro de várias cabeças, claras referências aos mitos gregos da princesa Andrômeda e da Hidra de Lerna. Por fim, reiteramos, com os alunos, a problematização de uma personagem secundária que nos pareceu bastante peculiar: tratava-se da figura do trapaceiro, um homem negro que surge nos parágrafos finais do conto e que busca roubar o crédito do protagonista, o jovem João, pelo triunfo sobre o monstro de sete cabeças. Na sequência, João havia matado o monstro que ameaçava reino e, como prêmio, teria a concessão da mão da donzela em casamento. No entanto, o trapaceiro, que se destaca nas últimas cenas, empenha-se em mentir para o rei, alegando que o monstro foi abatido pelas suas mãos e, por isso, caberia-lhe a grande recompensa, ou seja, o matrimônio com a donzela. Uma observação dos alunos, bastante curiosa, chamou-nos a atenção: a única personagem negra da história consiste, justamente, na imagem de um malandro – bastante caricato – cujas ações são movidas por golpes, mentiras e embustes.

A partir da primeira experiência de leitura com a ficção em questão, nota-se o consenso geral da sala acerca do texto: não gostaram, tanto por conta da mistura de elementos folclóricos e mitológicos, quanto pela violência do conto, o qual julgaram altamente inadequada para crianças. Ressaltamos um comentário, feito por um dos

⁶ Grupo extremista, reacionário e violento, marcado por práticas fundamentadas na ideia de supremacia branca.

alunos, tanto sobre a seleção “inconsistente” de uma personagem negra para cumprir papel de vilã, quanto sobre os comentários tecidos pelas personagens do sítio em torno do conto lido, em que criticam seu distanciamento do texto clássico europeu. Os estudantes do projeto de leitura contestaram a inserção de novas mitologias e a introdução de personagens negras que, segundo eles, reiteravam o preconceito. Um dos alunos, inclusive, sublinhou tais comentários como revestidos de teor racista. Por fim, a frase crítica de outro aluno acerca do “negro malandro” do conto parece sintetizar a opinião da sala acerca do teor supostamente racista do livro: “Não tem sentido colocar justamente o personagem do homem negro como um vilão”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato apresentado constitui apenas um recorte das atividades ministradas entre 2024 e 2025. Tendo em vista que a proposta da oficina consistia em proporcionar atividades que envolvessem a leitura e o posicionamento frente a textos de literatura juvenil, observamos que o olhar dos alunos revestiu-se de teor essencialmente crítico ao longo dos encontros. Talvez o ensejo em que esta percepção tenha se evidenciado com maior nitidez ainda seja nos encontros em que se voltavam para as narrativas orquestradas por Tia Nastácia. Vale asseverar que, ainda que o debate sobre as nuances dos contos populares não tenha sido objeto de problematização, a percepção acerca da intertextualidade e da escolha de uma personagem negra – justamente na condição de antagonista – revelou-se um dado sintomático para verificarmos o grau de recepção da obra entre adolescentes.

O projeto tem ainda a pretensão de estender a proposta para outras escolas no ano de 2026. Nessa nova etapa, pretende-se abordar, além das questões étnico-raciais na obra de Monteiro Lobato, também a literatura infantil de escritores contemporâneos que dialogam (ou não) com a poética lobatiana. Nesse campo, destacam-se autores como Ziraldo, Ana Maria Machado e Joel Rufino dos Santos. Sandroni (1998), não obstante, acrescenta um dado bastante curioso com relação à literatura infantil e juvenil que se impõe após a década de 1970: em sua grande maioria, os escritores formaram-se como leitores a partir dos escritos do ficcionista José Bento Monteiro Lobato. Verificar como os ficcionistas contemporâneos absorvem – ou não – elementos da prosa de Monteiro Lobato – a partir de um profícuo exercício de leitura com novas escolas de Assis, será a próxima etapa do projeto de extensão.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. L. CAMARGOS, M. & SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. São Paulo: Ed. Senac, 1997.
- CAVALHEIRO, E. **Monteiro Lobato: Vida e Obra**. São Paulo: Cia Editora Nacional.
- CECCANTINI, J. L.; LAJOLO, M.; **Monteiro Lobato, livro a livro**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

COSSON, R. **Letramento literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

GIROTTTO, C. G. G. S; SOUZA, R. J. de. Estratégias de Leitura: para ensinar alunos para compreender o que leem. *in*. SOUZA, R. J. de (Org). **Ler e compreender**: estratégias de leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

GOUVEA, M. C. S. & LOPES, E. M. T. **Lendo e Escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KOCH, I. V. ELIAS, V. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. São Paulo, SP: Contexto, 2010.

LOBATO, J. B. M. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

MUNANGA, K. **Superando o racismo na escola**. SECAD/MEC, Brasília, 2005.

RUIZ, U. C. A. **Literatura africana e afro-brasileira no PNBE**: um estudo sobre o conto popular de matriz africana. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

SANDRONI, L. **De Lobato a Bojunga**: As Reinações Renovadas. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1987.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 1970. *In*: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOUZA, R. J; C. C. S; O Saci na obra de Monteiro Lobato e nos manuais didáticos. CECCANTINI, J. L; MARTHA, A. A; **Monteiro Lobato e o leitor de hoje**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2008.

TELES, E. A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. GALLEGO, E. S. **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

VASCONCELOS, Z. M. C. **O Universo Ideológico na Obra Infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Ed. Traço, 1982.

ZILBERMANN, R. **Atualidade de Monteiro Lobato**: Uma Revisão Crítica. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1983.